

HARUKI MURAKAMI

# Romancista como vocação

TRADUÇÃO DO JAPONÊS

Eunice Suenaga

ALFAGUARA



Copyright © 2015 by Haruki Murakami

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Hokugyo Toshite no Shosetsuka

*Capa*

Christiano Menezes/ Retina\_78

*Preparação*

Juliana Souza

*Revisão*

Fernando Nuno

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Murakami, Haruki

Romancista como vocação / Haruki Murakami ;  
tradução Eunice Suenaga. – 1ª ed. – São Paulo : Alfa-  
guara, 2017.

Título original: Hokugyo Toshite no Shosetsuka.  
ISBN 978-85-5652-038-8

1. Escritores japoneses 2. Literatura japonesa –  
História e crítica 3. Murakami, Haruki 4. Romancistas  
japoneses I. Suenaga, Eunice. II. Título.

17-01961

CDD-895,6

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Romancistas : Literatura japonesa : História e  
crítica 895.6

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

# Sumário

I. O romancista é generoso?	7
II. Início da carreira de romancista	19
III. Sobre prêmios literários	33
IV. Sobre originalidade	47
V. E agora, o que devo escrever?	63
VI. Ter o tempo como aliado ao escrever romances	77
VII. Um ato infinitamente individual e físico	93
VIII. Sobre escolas	109
IX. Que tipo de personagens vou criar?	123
X. Para quem escrever?	137
XI. Ir para o exterior. Novas fronteiras	151

# I. O romancista é generoso?

Se eu começar falando sobre romances, vou me estender muito logo de início. Então, por ora, vou falar apenas sobre os romancistas. Acho que esse tema é mais concreto, tem mais visibilidade e é relativamente fácil de ser desenvolvido.

Para ser bem sincero, não podemos considerar os romancistas — pelo menos não todos — sempre íntegros e imparciais. A meu ver, muitos possuem algumas particularidades não muito louváveis, além de hábitos e comportamentos esquisitos (mas não posso dizer isso em voz alta). Porém, independentemente de falar isso ou não, a maioria dos romancistas (cerca de 92%, suponho), inclusive eu, pensa: “O que eu faço e escrevo está certo. Todos os outros escritores estão errados, em maior ou menor grau, exceto alguns casos especiais”, e leva o dia a dia com base nessa visão. No mínimo diria que são poucas as pessoas que querem ser amigas de gente assim.

De vez em quando ouço falar de escritores que são muito amigos, mas fico com pé atrás com esse tipo de afirmação. Até pode haver casos assim, mas acho que uma relação verdadeiramente íntima entre escritores não dura muito tempo. Escritores são basicamente egoístas, orgulhosos e muito competitivos. Se dois escritores estiverem juntos, a chance de eles não se darem bem será muito alta. Sei disso por experiência própria.

Em certo episódio famoso, Marcel Proust e James Joyce participaram de um jantar em Paris em 1922. Os dois estavam bem próximos um do outro mas não trocaram praticamente nenhuma palavra até o final do evento. As pessoas à volta prenderam a respiração para ouvir a conversa que seria travada entre dois grandes escritores que representavam o século xx, mas todos acabaram frustrados. Os dois deviam ser muito orgulhosos. Isso é comum.

Apesar disso, quando se pensa na exclusividade do ofício — em outras palavras, em uma certa “marcação de território” —, tenho a impressão de que, nesse quesito, os escritores são as pessoas mais generosas e de coração mais aberto que existem. Acho que essas são duas das poucas virtudes comuns a eles.

Vou explicar de forma mais clara e direta.

Vamos supor que um escritor possua talento musical e que tenha se tornado cantor. Ou que saiba desenhar e tenha começado a pintar. Esse escritor certamente sofrerá resistência em vários lugares, será ridicularizado e desprezado. “Está se achando e se intrometendo onde não é chamado”, “É amador e não tem técnica nem talento”, dirão alguns, e ele será tratado friamente por cantores e pintores profissionais. Pode até ser que seja hostilizado, ou no mínimo que seja recebido com indiferença. “Olá, seja bem-vindo” — ele ouvirá isso em pouquíssimos lugares, e de forma bem restrita.

Além de escrever romances, traduzo literatura americana para o japonês há cerca de trinta anos, mas no início (e talvez até hoje) a pressão sobre mim foi grande. Muitos disseram: “Tradução não é uma coisa fácil, que pode ser feita por um amador”, ou “A tradução feita por um escritor é só uma diversão para ele”.

Quando lancei o livro *Underground*, fui severamente criticado por escritores especializados em não ficção. “Não conhece as regras de uma não ficção”, “É um dramalhão barato”, “É muito amador”, disseram. Eu não tinha tentado escrever uma obra do gênero “não ficção”; pensei apenas em escrever uma obra que, para mim, “*não era ficção*”. Mas parece que acabei pisando no rabo dos tigres que vigiavam o “sagrado território” da “não ficção”. Eu nem sabia que existia tal território, nunca tinha pensado que poderia haver *regras próprias* de uma não ficção, então no começo fiquei muito confuso.

Assim, quando nos intrometemos em uma área que não é a nossa, os respectivos especialistas fazem cara feia. Eles tentam repelir o nosso acesso como os glóbulos brancos tentam eliminar corpos estranhos do organismo. Se mesmo assim persistirmos, seremos tratados com condescendência, “É, não tem jeito”, e a nossa presença será tolerada. Mas no começo sofreremos forte resistência. Quanto mais restrita, especializada e autoritária for *essa área*, maiores serão

o orgulho, a ânsia por exclusividade e a resistência das pessoas que fazem parte dela.

Mas, no caso contrário, quando um cantor ou um pintor decide escrever um romance, ou quando um tradutor ou um escritor de não ficção escreve um romance, o romancista faz cara feia? Acho que não. Não são poucos os cantores, pintores, tradutores ou escritores de não ficção que escreveram um romance e foram amplamente reconhecidos. E nunca ouvi falar de um romancista que tenha ficado bravo dizendo: “Um amador está invadindo a nossa área”. Pelo menos até onde sei, quase nunca acontece de os romancistas ridicularizarem pessoas assim. Pelo contrário, acho que ficam curiosos e desejam encontrar e falar com elas sobre o seu romance ou encorajá-las.

É claro que pode acontecer de os romancistas falarem mal da obra pelas costas, mas isso normalmente é feito como parte do trabalho, e não tem a ver com o fato de eles terem ficado incomodados com a invasão de seu território. Os romancistas possuem muitos defeitos, mas em geral têm coração aberto e são generosos com a entrada de pessoas de fora.

Por que será?

A meu ver, o motivo é bem claro. Afinal, praticamente todas as pessoas são capazes de escrever um mero romance — talvez seja indelicado falar “mero romance”. Por exemplo, para ser pianista ou bailarino profissional, é preciso treinar longa e duramente desde criança. Para ser pintor também é necessário adquirir técnicas básicas e certo nível de conhecimento especializado, além de comprar uma série de materiais. E um alpinista deve ter físico, técnicas e coragem acima do normal.

Mas, para produzir um romance, basta a pessoa saber escrever (a maioria dos japoneses sabe), ter caneta esferográfica e caderno e certa capacidade de criar histórias, sem precisar receber treinamento especializado. Ou, melhor dizendo, para produzir algo parecido com um romance. Não precisa frequentar a faculdade de letras. Até se fala de um “conhecimento especializado para escrever romances”, mas é como se ele não existisse na realidade.

Não é impossível que alguém com um pouco de talento consiga escrever um excelente romance na sua primeira tentativa. Fico constrangido quando falo de mim, mas nunca treinei para escrever romances. Frequentei o departamento de cinema e teatro da faculdade de letras, mas por causa do contexto histórico da época não estudei quase nada, andava todo sujo, com o cabelo comprido e a barba por fazer, perambulando por aí. Eu não tinha a intenção de ser escritor, não costumava escrever e, certo dia, de repente, comecei o meu primeiro romance (ou algo parecido com isso), *Ouça a canção do vento*. Com ele recebi o prêmio de novos talentos de uma revista literária e, mesmo sem entender direito como, acabei me tornando um escritor profissional. “Será que realmente é tão fácil assim?”, eu me perguntava. Porque, afinal, foi fácil demais.

Ao ler isso, talvez alguns pensem, incomodados: “O que você acha que a literatura é?”. Mas estou apenas falando do modo básico de ser das coisas. O romance é, sem dúvida, uma forma de expressão muito ampla, independentemente do que os outros pensem. E, dependendo da interpretação, essa amplitude é parte essencial da fonte da grande e singela energia que emana do romance. Por isso, acho que falar que “qualquer um pode escrever um romance” não é nada errado, é até um elogio.

Em outras palavras, o romance se parece com um ringue de luta livre onde qualquer um pode entrar como quiser. O espaço entre as cordas é largo, e tem até um banquinho à disposição. O ringue é bem amplo. Nenhum segurança fica tentando impedir a entrada, e os jurados não são muito chatos. Os lutadores profissionais (nesse caso, os romancistas) sabem disso e se mostram receptivos: “Tudo bem, qualquer um pode subir aqui, fiquem à vontade”. O ambiente é amistoso, tranquilo, flexível... Resumindo, não é restritivo.

Subir no ringue pode ser fácil, mas permanecer nele por muito tempo, não. Os romancistas sabem disso. Escrever um ou dois romances não é muito difícil, mas continuar escrevendo por muito tempo e viver disso é uma tarefa árdua. Talvez seja impossível para pessoas normais. Pois, digamos assim, é necessário *algo especial*. É claro que é necessário certo nível de talento e também de determinação. Além disso, a sorte e a coincidência são fatores importantes, nesse e em

muitos outros acontecimentos da vida. Mas, acima de tudo, é necessário ter algum tipo de *competência*. Algumas pessoas são dotadas dela; outras, não. Mas sempre podem conquistá-la com certo sacrifício.

Ainda se sabe pouco sobre essa *competência*, e parece que é raro falar sobre isso abertamente. Ela não pode ser visualizada nem verbalizada. Mas, de qualquer forma, os romancistas sabem muito bem quão árduo é continuar sendo romancista.

Por isso, a maioria deles é generosa e recebe de braços abertos os especialistas de outras áreas que passam entre as cordas do ringue e decidem fazer um romance. Muitos escritores dizem: “Se querem entrar, sejam bem-vindos”. Ou não ligam muito quando chega alguém de fora. Se esses recém-chegados decidirem sair, por um motivo ou outro (a maioria acaba saindo por ter sido rejeitada ou sai por vontade própria), os escritores dirão: “Que pena”, “Boa sorte”; mas, se os novatos se mantiverem firmes no ringue, com persistência, serão considerados dignos de respeito. E esse respeito em geral é imparcial e justo (ou, pelo menos, espero que seja).

Talvez a generosidade dos romancistas esteja relacionada com o fato de a indústria literária não ser uma sociedade em que o ganho de um signifique necessariamente a perda de outro. Ou seja, mesmo que alguém inicie a carreira de escritor, o escritor veterano não perderá o emprego (em princípio). Pelo menos não de forma direta. Essa é a diferença fundamental entre o mundo literário e o mundo do esporte profissional. Neste último, quando um novo jogador é contratado, um antigo ou um novato que não mostre bons resultados fica sem contrato e sai do time. Em contrapartida, a vendagem de um livro não cai 100 mil exemplares porque a vendagem de outro aumentou 100 mil. Pelo contrário, se o livro de um novo escritor vender bem, toda a indústria literária poderá ser favorecida, aumentando a venda geral de livros.

Mas, apesar disso, parece que ocorre certa seleção natural a longo prazo. Por mais que o ringue seja espaçoso, creio que haja um número máximo de pessoas que cabem nele. É o que sinto quando olho ao meu redor.

Venho escrevendo romances há mais de 35 anos e ganho a vida como escritor profissional. Ou seja, estou no ringue chamado “mun-



do literário” há mais de trinta anos. Em certo sentido, isso pode ser considerado uma conquista.

Nesses mais de trinta anos vi muitas pessoas iniciarem a carreira de escritor. Inúmeros escritores e romances receberam grande reconhecimento quando foram lançados. Foram elogiados pela crítica, ganharam muitos prêmios literários, tornaram-se populares e venderam bem. Muitos escritores foram considerados promissores. Ou seja, subiram ao ringue sob a luz dos holofotes, acompanhados de músicas incríveis.

Mas, para ser sincero, não é grande o número de escritores que começaram a carreira vinte ou trinta anos atrás e que continuam escrevendo até hoje. Ou, melhor dizendo, ele é muito pequeno. Muitos “jovens talentos” desapareceram sem sequer serem notados. Ou — e acho que esse é o caso da maioria — foram para outras áreas pois se cansaram, ou acharam que escrever romances é muito trabalhoso. Provavelmente muitas de suas obras, que foram bastante populares e receberam grande destaque na época do lançamento, não são mais encontradas nas livrarias. Afinal, a quantidade de escritores pode até ser ilimitada, mas o espaço nas livrarias, não.

Em minha opinião, escrever romances não é um trabalho apropriado para pessoas muito inteligentes e de mente afiada. Naturalmente é necessário certo nível de esperteza, cultura e conhecimento para escrevê-los, e acho até que sou dotado de um nível mínimo desses fatores. Provavelmente. É, talvez. Mas, se alguém me perguntar, “É mesmo? Tem certeza?”, vou ficar na dúvida.

Porém, penso que as pessoas muito perspicazes ou dotadas de um conhecimento vasto e extraordinário não são as mais adequadas para escrever romances. Essa atividade — de narrar uma história — deve ser executada a uma velocidade baixa, em marcha lenta. A sensação que tenho é de que a velocidade da escrita é um pouco maior do que a de uma caminhada, mas menor do que a de um passeio de bicicleta. O funcionamento básico do raciocínio de algumas pessoas é adequado para essa velocidade, mas o de outras, não.

Ao fazer um romance, os escritores geralmente convertem em *narrativa* o que existe no interior da sua consciência. O que existe na consciência e o que foi expresso são diferentes, e eles usam essa *diferença* como uma alavanca para criar o dinamismo da narrativa. É um trabalho cheio de rodeios, que demanda muito tempo.

As pessoas que possuem na mente uma mensagem com contornos relativamente bem definidos não precisam ter o trabalho de convertê-la em narrativas. Verbalizar diretamente a mensagem é bem mais rápido, e o resultado pode ser mais bem compreendido pelas pessoas em geral. A mensagem ou o conceito que levariam cerca de seis meses para serem convertidos em romance podem ser verbalizados diretamente em apenas três dias. Se forem expressos na forma de discurso oral, pode levar menos de dez minutos. As pessoas perspicazes podem optar por isso. Os ouvintes também irão compreender facilmente e dizer: “Entendi!”. Resumindo, ter esse dom é sinônimo de ser inteligente.

As pessoas com vasto conhecimento não precisam escolher um “recipiente” confuso e estranho como a narrativa. Nem precisam ter o trabalho de criar do zero um cenário imaginário. Elas podem combinar, de forma lógica, os vários conhecimentos que possuem e verbalizá-los para convencer e impressionar facilmente os outros.

Acho que por isso muitos críticos literários não conseguem compreender *alguns tipos* de romance ou narrativa — mesmo entendendo, não são capazes de verbalizar ou expressar a sua compreensão de forma lógica e eficiente. Em geral os críticos literários são mais inteligentes e mais perspicazes do que os romancistas. Os primeiros muitas vezes não conseguem acompanhar o veículo lento chamado narrativa, por isso acabam impondo o próprio ritmo a ele e, com base nessa “imposição”, desenvolvem a sua teoria. Em alguns casos esse procedimento é adequado; em outros, não. Em alguns casos ele dá certo; em outros, não. Se, além de ter ritmo lento, o texto original for multifacetado e complexo, a “imposição” será ainda mais difícil de ser feita e, conseqüentemente, o resultado será distorcido.

De qualquer forma, vi com os meus próprios olhos muitas pessoas perspicazes e sagazes — de outras áreas, em sua maioria — que escreveram um ou dois romances e depois foram fazer outra coisa.

Em geral os romances eram brilhantes e *bem escritos*. Cheguei a perceber algo novo e surpreendente em alguns deles, mas a maioria dos autores permaneceu pouco tempo no ringue. Cheguei a ter a impressão de que só fizeram uma visita rápida e foram embora.

Talvez as pessoas com um pouco de talento literário consigam escrever com facilidade um romance. E pode ser que pessoas sagazes não encontrem a vantagem que esperavam no ato de escrevê-lo. Elas escrevem um ou dois romances e concluem: “Ah, então é assim que se escreve um romance”, e mudam de área. Achando que é melhor fazer algo mais eficiente.

Eu entendo esse sentimento. Escrever romances é de fato algo extremamente ineficiente. É uma repetição do “por exemplo”. Vamos supor que o autor tenha seu tema pessoal. Ele o parafraseia, colocando em outro contexto: “Tal coisa significa, por exemplo, isso”. Se houver uma parte confusa e nebulosa nessa paráfrase, começará outra versão: “Tal coisa significa, por exemplo, isso”. É uma eterna repetição de “Tal coisa significa, por exemplo, isso”. Uma cadeia de paráfrases que continua para sempre. Como as bonecas russas que não param de surgir uma de dentro da outra. Até penso que não deve haver outro trabalho mais ineficiente e com tantos rodeios como o de escrever romances. Se o tema inicial pudesse ser verbalizado de forma fácil, clara e compreensível, as paráfrases seriam desnecessárias. No limite, e com certo exagero, podemos dizer que “o escritor é aquele que tem necessidade de fazer o que é desnecessário”.

Mas, para os romancistas, a verdade está escondida justamente nessa parte desnecessária, cheia de rodeios. Pode parecer que estou usando um argumento rebuscado, mas os romancistas em geral realizam o seu trabalho acreditando nisso. Então é natural que haja a opinião de que “romancistas são desnecessários neste mundo” e de que são “extremamente necessários neste mundo”. Depende da época e do campo em que nos baseamos. O mundo onde vivemos é multifacetado e, nele, as coisas ineficientes e com rodeios, e as coisas eficientes e ágeis, constituem a frente e o verso de uma mesma moeda. O mundo provavelmente será distorcido se faltar uma das faces (ou se uma delas for muito menos expressiva).

É apenas uma opinião pessoal, mas acho que, basicamente, escrever romances é algo bem maçante. Nesse ato não existe quase nenhum elemento de inteligência. O escritor se tranca sozinho no quarto e, compenetrado, modifica o texto, dizendo: “Não é bem assim, nem assim”. Mesmo que ele consiga melhorar um pouco a precisão de uma linha depois de quebrar a cabeça o dia inteiro sentado à mesa, não receberá nenhum aplauso por isso. Não receberá tapinhas nas costas nem um “Parabéns”. Somente ele balançará a cabeça satisfeito: “É isso aí”. Quando o livro for lançado, talvez ninguém no mundo perceba a precisão daquela linha. Escrever romances é isso. Dá muito trabalho e é bastante tedioso.

No mundo existem pessoas que montam a maquete de um navio dentro de uma garrafa usando uma longa pinça, e demoram quase um ano nessa tarefa. Escrever romances talvez seja parecido. Não sou muito habilidoso com trabalhos manuais nem sou capaz de fazer algo tão complicado quanto uma maquete, mas acho que, essencialmente, as duas atividades têm pontos em comum. No caso de romances longos, o trabalho minucioso vai durar dias e dias, dias e dias. Quase uma eternidade. Somente as pessoas com vocação para isso ou que não sentem sofrimento nessa atividade conseguem continuar por muito tempo nela.

Quando eu era criança, li em algum lugar uma história sobre dois homens que foram conhecer o monte Fuji. O mais inteligente observou a elevação do sopé de alguns ângulos e ficou satisfeito: “Então esse é o monte Fuji. Ele é maravilhoso por causa disso e disso”. Assim pensando, foi embora. Foi bastante eficiente. E rápido. Mas o menos inteligente não conseguiu compreender o monte Fuji tão facilmente assim, não quis ir embora e subiu ao seu cume. Levou tempo e foi penoso. Gastou energia e ficou exausto. E finalmente pensou: “Então esse é o monte Fuji”. Ele compreendeu, ou seja, até certo ponto, ficou satisfeito.

Os romancistas (ou a maioria deles) têm mais a ver com o segundo homem, que, fico constrangido em dizer, não é muito inteligente. É do tipo que só consegue compreender o monte Fuji depois de subir ao seu cume. Ou, melhor dizendo, não compreende mesmo depois de subir várias vezes, ou, quanto mais sobe, compreende menos ainda — essa talvez seja a natureza dos romancistas. Avaliando por esse lado, o problema não é só a *eficiência*. De qualquer forma, não é um trabalho para as pessoas de mente muito afiada.

Por isso os romancistas não ficam tão surpresos quando algum gênio de outro ramo aparece casualmente, escreve um romance que chama a atenção dos críticos e leitores e vira best-seller. Nem se sentem ameaçados, e muito menos ficam bravos (eu acho). Afinal, os romancistas sabem que é raro alguém assim continuar escrevendo romances por muito tempo. Os gênios têm o próprio ritmo, os intelectuais têm o próprio ritmo, os acadêmicos têm o próprio ritmo. A longo prazo, o ritmo deles em geral não é o mais apropriado para escrever romances.

Naturalmente há gênios entre os romancistas profissionais. Há também gente com a mente muito afiada. Mas essa mente não é afiada do ponto de vista convencional; e sim do ponto de vista do *romance*. A meu ver, o tempo máximo que alguém consegue escrever usando apenas essa mente afiada — talvez seja mais compreensível chamar esse período de “validade como romancista” — é de dez anos. Depois disso, lhe será exigida uma qualidade maior e mais duradoura que substitua a mente afiada. Em outras palavras, em certo momento ele precisará transformar o seu “corte de navalha” em “corte de facão”. Depois terá que transformar o “corte de facão” em “corte de machado”. Aquele que conseguir passar por vários pontos de transição irá crescer como escritor e provavelmente viverá desse ofício ao longo dos anos. Aquele que não conseguir irá desaparecer do meio. Ou terá uma presença inexpressiva. Ou irá se estabelecer confortavelmente no lugar onde devem se estabelecer as pessoas de mente afiada.

Mas, falando com franqueza, “se estabelecer confortavelmente no lugar onde devem se estabelecer” é quase sinônimo de “ter a criatividade cerceada” no caso dos romancistas. Romancistas são como

alguns peixes: acabam morrendo se não se moverem constantemente dentro d'água.

Por isso eu tenho igual respeito por todos os que continuam escrevendo romances sem se cansar por vários anos — ou seja, meus companheiros. É claro que tenho opiniões favoráveis ou desfavoráveis sobre cada uma de suas obras. Mesmo assim, penso que aqueles que atuam, ou melhor, sobrevivem como romancistas profissionais por vinte, trinta anos, conquistando determinado número de leitores, possuem algo como uma essência forte e notável de romancista. Um ímpeto interno que não lhes permite ficar sem escrever romances. Uma enorme perseverança que sustenta o longo e solitário ato. Talvez possamos dizer que seja uma aptidão, uma competência necessária para os romancistas profissionais.

Escrever um romance uma vez não é muito difícil. Para alguns, escrever um excelente romance uma vez não é muito difícil. Não digo que seja fácil, mas não é impossível. No entanto, continuar escrevendo romances incessantemente, isso, sim, é difícil. Não é qualquer um que consegue. Para isso, como eu já disse, é preciso algo como uma competência especial. Acho que *talento* não seja exatamente a palavra.

Então, como saber se uma pessoa tem essa competência? Só há um jeito: jogá-la na água e ver se ela nada ou afunda. Fui grosseiro, mas parece que na vida as coisas geralmente funcionam assim. Além do mais, uma pessoa pode ser inteligente e eficiente mesmo que não escreva romances (ou melhor, justamente por não escrever romances). Produzem romances as pessoas que desejam escrever, que não conseguem ficar sem escrever. E elas continuam escrevendo romances. Claro que, sendo escritor, aceito essas pessoas de coração aberto.

Sejam bem-vindas ao ringue.